

NA MEDIDA

(Margarida Diniz)

Abri o dicionário e a palavra do dia surgiu: *incomensurável*. O seu significado, literal, desfiava-se: “que não se pode medir; imenso, desmedido, descomunal; imensurável”. Precipitadamente, concluí que a minha tarefa não seria árdua. O jogo era muito simples: todos os dias eu me impunha o desafio de usar uma palavra nova na conversa diária. O ritual era sempre o mesmo: chegar ao trabalho pela manhã, abrir o dicionário ao acaso e escolher uma palavra que, habitualmente, não fizesse parte do meu vocabulário. Nem sei explicar ao certo como este jogo teve início, elucidado, no entanto, que não havia nenhuma nobre intenção em ampliar meu repertório linguístico ou coisa do tipo. O fato é que, surgindo despreziosamente, essa brincadeira instaurou-se em meu cotidiano, tornando as conversas corriqueiras cada vez mais saborosas.

O desafio do jogo consistia em esperar o momento exato para usar a palavra escolhida, pois era a regra que esse uso não fosse imposto aos diálogos, mas que coubesse naturalmente neles, passando quase imperceptível aos ouvidos menos atentos e brindando de glória o vencedor. Era o meu risco diário, ao qual eu, intemente, lançava-me por inteiro.

As conversas do dia começaram a acontecer e entre papéis, cafés e muitos números minha ansiedade aumentava. Eu precisava estar atento, pois muitas vezes a oportunidade era única e deixá-la passar era um risco que eu não poderia correr. Poucas vezes eu cheguei a uma tarde sem ter usado a palavra do dia. Recordo-me de que isso só aconteceu com três palavras: *ventura*, *circunspecto* e *aplausível*. Essas só me renderam louros vespertinos. Mas nunca acontecera de não conseguir usar uma palavra. Elas sempre cabiam magistralmente em algum

enunciado.

A verdade é que este dia foi recheado de quase oportunidades. E esse quase era meu tropeço, meu obstáculo intransponível num dia em que uma palavra não encontrava sua frase. Essa série de quases que se sobrepunham me esmagava. Quanto mais eu conversava, mais eles apareciam, distanciando-me de minha vitória *quase* certa.

Já está com vontade de ir almoçar? E eu poderia dizer: Com uma vontade incomensurável! Mas seria mentira, puro oportunismo, já que eu nem gostava tanto assim de comer. Comia apenas por que tinha de e não por gosto em fazê-lo. Não, não seria natural e nem verdadeiro e eu não poderia roubar no meu próprio jogo.

Durante o almoço um amigo me falava de seus estudos, contava dos trabalhos, professores, provas. E eu pensei em dizer: O estudo tem uma importância incomensurável na minha vida! Mas não, não era sincero. Eu estudei pouco, com excessos de desânimo e sempre querendo que tudo findasse o quanto antes. A palavra mais uma vez não cabia.

As horas corriam durante a tarde. Eu atento. Atento e tenso. Não surgiam oportunidades e isso começou a me preocupar seriamente. Será que pela primeira vez eu perderia no meu próprio jogo?

Incomensurável... incomensurável...quanto mais pensava na palavra, em seus significados, menos eu conseguia encontrar uma situação apropriada para dizê-la. Tive ímpetos de roubar no meu jogo. Ficava elaborando frases em meus pensamentos e pensava em criar uma oportunidade para dizê-las. Não tive coragem de ir até o fim. Aquelas frases não encontravam lugar na minha voz e eu permitia que morressem.

Fui embora do escritório derrotado. Ainda não havia provado esse desgosto, tão diferente do sabor de vencer. Em minha cabeça todas as palavras escolhidas ao acaso se

misturavam e eu me lembrava de outras muito mais difíceis que me permitiram vencer. Por quê? por quê? - eu me perguntava enquanto seguia para casa.

De volta ao lar, olhava tudo tomado pela angústia. Será que eu ainda conseguiria vencer? Haveria alguma chance para mim? Minha mulher, meus filhos, o jantar. Esse cenário já conhecido começava a se encher de conversas e a minha esperança novamente tomava vida. Aguardava uma possibilidade redentora. Mas ela não vinha. Todos saíram da mesa e o silêncio calou a palavra.

Tomei banho e fui deitar. Minha mulher deitou-se ao meu lado, deu-me boa noite e dormiu. Meu pensamento ainda me consumia. Incomensurável... Incomensurável... Incomensurável... E, então, o veredicto: perdi. Perdi no jogo. Num jogo em que até então eu só havia ganhado. E foi o fim. Decidi não jogar mais. Não queria sentir esse dissabor outra vez. Há coisas que devem permanecer sempre no escuro. Eu não gostei do que vi neste dia.